



CÂMARA MUNICIPAL DE ARARAQUARA

REQUERIMENTO NÚMERO 010717.

AUTOR: *Vereadora Thainara Faria*

DESPACHO:

À COMISSÃO DE JUSTIÇA, LEGISLAÇÃO E REDAÇÃO.

Araraquara, 14 FEV 2017

Presidente

Requeiro, nos termos do Artigo 211- A, do Regimento Interno, que fique constando nos anais desta Casa de Leis, a matéria publicada no *Jornal "A Cidade"* em sua edição de *07 de fevereiro de 2017*, capa e página 09, intitulada "*Negra, de escola pública e primeira em medicina na USP*".

Dê-se conhecimento desta deliberação ao Editor Chefe do referido jornal senhor *Thiago Roque*.

Sala de sessões "Plínio de Carvalho", 10 de fevereiro de 2017.

THAINARA KAROLINE FARIA
Vereadora
PT

Aprovado
Araraquara, <u>28 MAR. 2017</u>
_____ Presidente



EXEMPLO

Negra, de escola pública e primeira em medicina na USP

Contrariando as estatísticas, Bruna Sena, 17 anos, moradora da periferia de Ribeirão Preto, ganha notoriedade ao conquistar o topo de um dos cursos mais concorridos do País

CIDADES | 9

Cidades

ACESSO RESTRITO

Segundo o IBGE, em 2015 apenas 12,82% dos jovens negros entre 18 e 24 anos cursavam faculdade. Entre os brancos, a proporção é de 26,5% a mais.

CONTRARIANDO AS ESTATÍSTICAS

Aluna negra e da da escola pública leva o 1º lugar em medicina da USP

"Hoje, infelizmente, sou exceção", diz Bruna Sena, 17 anos; Estudante afirma que vai lutar por igualdade

CRISTIANO PAVINI

cristiano.pavini@portalacidade.com.br

"Hoje, infelizmente, sou exceção. Espero servir de inspiração para que, no futuro, outros deixem de ser". Bruna Sena, 17 anos, negra, moradora da periferia de Ribeirão Preto e aluna da rede pública, superou as barreiras da vida e das estatísticas para alcançar o primeiro lugar no curso de Medicina da USP-RP, o mais concorrido da Fuvest, à frente de outros 6,8 mil candidatos.

A timidez da voz contrasta com a força do discurso. Primeira de sua família a ingressar em uma faculdade, ela levanta a bandeira de igualdade racial, de gênero e de mais oportunidades para o Ensino Superior.

"A USP tem que ser mais democrática e acessível a todos", afirma, lamentando que no Eugênio Lopes, bairro onde mora com a mãe e a tia, muitos sequer conhecem a instituição.

Seu pai a abandonou quando tinha nove meses de vida e, desde então, a mãe - operadora de caixa que ganha R\$ 1,4 mil ao mês - sustenta a família. "Ela nunca me deixou trabalhar, me deu todas as condições para apenas estudar", diz Bruna.

E a jovem estudou: ao menos dez horas diárias dedicadas ao vestibular. De manhã, ia à escola Es-

tafual Alberto Santos Dumont. À tarde, se trancava no quarto debruçada em livros. No ano passado, as noites foram preenchidas até às 22h30 com "Cursinho Popular de Medicina", preparatório para o vestibular com aulas ministradas pelos próprios alunos da USP.

"Minha escola era boa, apesar da falta de verba. Mas esse cursinho foi a salvação", diz Bruna. Foi lá que, ao ter contato com estudantes de medicina da USP, decidiu cursar a universidade e ser médica. Ainda não sabe a especialidade, mas tem uma certeza: quer atender os "mais necessitados".

Igualdade

Ao saber que havia passado na faculdade de medicina, Bruna publicou nas redes sociais: "A casa-grande surta quando a senzala vira médica", em referência ao livro clássico de Gilberto Freyre.

A USP não informa quantos negros cursam medicina em Ribeirão, mas consulta do A Cidade junto aos microdados do Censo de Educação Superior do Ministério da Educação aponta que, em 2015, apenas seis dos 413 alunos eram negros (1,4%) e 33 se declararam pardos (7,9%).

"É claro que nós (negros) incomodamos quando temos ascensão. Ficam incomodados justamente aqueles que sempre tiveram privilégios na sociedade", diz Bruna.

Questionada sobre o futuro próximo, quando estiver prestes a se formar, ela é direta: "Espero que na universidade esteja rodeada por muitos iguais a mim".



ALUNA DE DURO Bruna Sena é o motivo de orgulho da mãe, a operadora de caixa Dinália Sena, 50 anos

'VENÇA NA VIDA, NÃO DEIXE QUE ELA TE VENÇA. ESTUDE'

Dinália Sena, 50 anos, viu que a filha sena guerreiro desde cedo: nasceu prematura, de 7 meses, e passou 28 dias internada para ganhar peso. Após o nascimento, ela se viu abandonada pelo companheiro, e teve que sustentar sozinha Bruna. "Foi muita luta", resume Dinália, que trabalhou como auxiliar de escritório por 18 anos e há quatro é operadora de caixa, ganhando R\$ 1,4 mil, nunca deixou a filha trabalhar. "Tenho uma amiga que dizia sempre para a Bruna: 'Vença na vida, não deixe que ela te vença. Estude!'. E eu sempre deixei ela focada na escola". A família nunca passou necessidade, mas vivia sem luxo. A maioria dos livros que Bruna leu foram alugados pela mãe na biblioteca do Sesc. Quando a jovem decidiu prestar medicina na USP, a mãe apoiou, mesmo sabendo das dificuldades. "Passar parecia um sonho distante, mas que uma hora iria chegar. Em primeiro lugar, então, nem sonho era". Dinália, que possui apenas o ensino médio completo, se sente malizada pela filha - que reconhece o papel da mãe na conquista. "É o meu exemplo", orgulha-se Bruna.

CURSINHO DA USP

Considerado por Bruna essencial para a escolha da profissão e sucesso no vestibular, o Cursinho Popular de Medicina existe desde 2008 e é ministrado por estudantes de medicina da USP. São 100 alunos ao ano - todos integrantes da rede pública ou bolsistas de escolas particulares. Trinta e cinco passaram em vestibulares em 2017, sendo três em primeiro lugar.

ANÁLISE

Ensino Superior no Brasil ainda é muito elitizado

Claramente temos um Ensino Superior elitizado, e a Bruna é uma exceção. Metade da população brasileira é afrodescendente, mas verificamos que as salas de aula nas universidades não expressam isso. Nosso ensino superior é um dos menos acessíveis do mundo, devido à oferta baixa de matrículas e à maioria delas ser da iniciativa privada. Nesse contexto, as políticas afirmativas (como cotas e bônus) são importantes. Elas parecem injustas, mas existem justamente para corrigir injustiças.

José Marcelino Rezende
Professor da USP-RP

"Fu praticamente não tive vida social, apenas estudava. Quando soube que havia passado, comecei a gritar. Não acreditava no que estava acontecendo."

Bruna Sena

17 anos, primeira colocada no curso de Medicina da USP de Ribeirão Preto